

PERFIL FUNCIONAL DOS ATLETAS BRASILEIROS DE RACERUNNING (PETRA) PARTICIPANTES DO CIRCUITO LOTERIAS CAIXA PROMOVIDO PELO CPB EM 2019

Andria Watanabe de Godoy (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Aryelle Malheiros Caruzzo (CPB, UEM), Décio Roberto Calegari (*in memoriam*), Giuliano Gomes de Assis Pimentel (Orientador), e-mail: ggapimentel@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Biológicas e da Saúde/Maringá, PR.

Ciências da Saúde/ Educação Física

Palavras-chave: esportes adaptados, paradesporto, avaliação funcional

Resumo:

Investigamos o perfil funcional dos atletas brasileiros de *Racerunning* (Petra). Para tanto, analisamos as fichas de classificação funcional dos atletas de Petra. Não foi possível padronizar perfil funcional específico, embora, os atletas devam apresentar o mínimo de comprometimentos motores para competirem. Identificamos, conclusivamente, que a ficha carece de padronização dos parâmetros psicométricos e funcionais necessários à fidedignidade inter-avaliadores.

Introdução

A modalidade *RaceRunning* (Petra) teve sua origem na Dinamarca com Mansoor Siddiqi, na década de 80. Siddiqi era paratleta de atletismo da categoria T31 que é a classe caracterizada pela falta da função de agarre das mãos. Ele competia em cadeira de rodas correndo de costas, o que impedia que ele visse a linha de chegada, causando insatisfação, em relação ao espírito competitivo da modalidade praticada. Com a colaboração de Connie Hansen, foi desenvolvido um triciclo com apoio do tronco e sem pedais, que também é chamado de Petra. Assim, o atleta utilizaria as próprias pernas para dar o impulso, permitindo que durante a competição seu olhar esteja voltado para frente, dando assim, origem a essa modalidade que tem se difundida pelo mundo (CALEGARI et al, 2018). Para que os atletas possam competir de forma justa é realizada a avaliação de classificação funcional, primeiramente de acordo com os critérios da CPISRA e depois são realizados testes para averiguar as habilidades funcionais de cada atleta avaliado. Nesse sentido, é essencial que cada competidor tenha a sua classificação funcional bem documentada, para assegurar as questões relacionadas à possibilidade de iguais condições entre os competidores. Haveria, deste modo, um padrão pré-estabelecido das habilidades avaliadas para cada classe, promovendo assim uma

similaridade entre os atletas e suas capacidades físicas, visando não favorecer nenhum atleta (NOGUEIRA; CALEGARI; VIEIRA, 2009).

RaceRunning 1 (RR1): os atletas possuem dificuldades graves na coordenação, movimentação funcional e controle do corpo.

RaceRunning 2 (RR2): a amplitude do movimento é limitada, tronco justo, coordenação pobre na extremidade inferior, porém, possui controle da extremidade superior.

RaceRunning 3 (RR3): há coordenação assimétrica sendo difícil/moderada nas extremidades inferiores, moderado para boa direção e função do tronco e com boa aceleração.

Diante do exposto, apresentamos como objetivo geral dessa pesquisa identificar o perfil funcional dos atletas da modalidade Petra e como objetivos específicos verificar se os participantes atendem os critérios de elegibilidade; identificar se os participantes têm comprometimentos motores nos membros superiores e inferiores. (Ataxia, Atetose, Hipertonía, Desordens Progressivas, Espasticidade); e identificar e analisar os diagnósticos médicos dos participantes.

Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa descritiva de caráter exploratório que buscou por meio da análise das fichas de classificação funcional, cujo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelos atletas e técnicos que participaram das avaliações e respectivos testes. As informações foram usadas nas análises para fins de pesquisa, assegurando a privacidade e o anonimato dos sujeitos. As análises foram realizadas com uma amostra de 35 atletas, para análise da classificação funcional dos atletas que participaram da competição em questão no ano de 2019. Foram utilizados dados como: idade e sexo, diagnóstico médico, se apresentam hipertonía, ataxia e atetose e espasticidade. Por meio dessas informações foi realizada análise estatística descritiva, qualitativa e tabelas de frequência, com o objetivo de verificar aspectos relevantes à pesquisa

Resultados e Discussão

No total de 35 fichas, somente um atleta (A20) não atende aos critérios de elegibilidade. Nos testes de coordenação motora dos membros superiores e inferiores, esse atleta não apresentou nenhuma alteração ou mesmo alguma desordem motora progressiva que justificasse a sua permanência na classe esportiva anteriormente adotada. Muito têm-se estudado a respeito das classificações funcionais afim proporcionar oportunidades esportivas e minimizar os impactos que a participação de atletas com diferentes classes possa gerar ao competir pelo mesmo objetivo, dessa forma na classificação do *Racerunning* os classificadores tentam criar uma concorrência mais justa, através da classificação funcional, na classificação do *Racerunning* contém duas partes, uma de acordo com a *Minimum Disability Criteria* (MDC) e uma

avaliação da classe de *RaceRunning* específica. É a MDC que declara a deficiência mínima necessária para um atleta ser autorizado a competir no esporte. Por isso que os atletas devem apresentar acometimentos motores mínimos para competirem (JENSEN, 2017).

Quadro 1 – Informações retiradas a partir da análise realizada nas fichas de classificação funcional dos atletas no aspecto de justificativa para a classe esportiva.

Comprometimentos motores	Mulher	Home m	Tot al	Percentu al mulheres	Percentu al homens	Percentu al total	Sem informações na ficha
Ataxia	08	09	17	61%	41%	48%	51%
Atetose	08	10	18	61%	45%	51%	48%
Hipertonia	06	15	21	46%	68%	60%	40%
Desordens progressivas	0	02	02	0%	9%	6%	94%

Nesse ponto, os atletas podem apresentar somente um ou mais aspectos. Por essa razão observa-se que, quando comparados os comprometimentos motores dos homens, nessa população, apresentam hipertonia mais frequente do que as mulheres, representando cerca de 68%. Por outro lado, o acometimento com maior frequência nas mulheres foram a ataxia e a atetose representando 61%.

Segundo Chounti *et al* (2013) houve uma dominância do sexo masculino no estudo, mas que não foi possível detectar qualquer padrão na incidência de PC nos sexos. Além de não ser possível confirmar nenhuma diferença entre os sexos na gravidade da incapacidade, através dos testes de função motora grossa e habilidade manual. Dessa forma, acreditamos serem necessárias mais investigações, com diferentes populações para que, então, possamos inferir as reais diferenças apresentadas entre os sexos.

Com o intuito de identificar e analisar os diagnósticos médicos dos participantes foi possível observar que dentre os 34 atletas avaliados, 25 atletas (73%) apresentaram Paralisia Cerebral como diagnóstico médico, dentre os outros 9 atletas, não foi possível traçar um padrão específico para os atletas participantes da pesquisa, indicando assim, que são inúmeros os motivos que levam os indivíduos à situação de acometimentos motores. Dessa maneira podemos dizer que nem todos os atletas de Petra têm paralisia cerebral, como mostra a CPISRA que apresenta que o esporte é predominantemente mais adequado para as pessoas com PC, embora, também seja adequado para pessoas com distrofia muscular, Parkinson, dentre outros.

Depois de analisar todas essas observações realizadas durante o período de avaliações para gerar então, a classificação funcional dos indivíduos, não foi possível identificar um padrão regular para os atletas que praticam a modalidade, expondo que na Petra diferentes indivíduos são contemplados pela modalidade, sendo essa tão inclusiva quanto a bocha adaptada que é

considerada um elemento de transformação e inclusão social, por ela englobar pessoas com diferentes tipos de deficiência, e que apresentam graus severos de comprometimento motor (DIVINO, 2014).

Conclusões

Não existe um perfil funcional específico, porém os atletas devem apresentar comprometimentos motores para competirem. Frente à polissemia no registro da ficha, urge a produção de pesquisas para uma normalização no preenchimento das fichas de classificação funcional.

Agradecimentos

Meus agradecimentos a Deus por me dar forças para superar todas as dificuldades. À minha família pelo incentivo. Ao professor Décio Roberto Calegari pela oportunidade de ter o conhecido. À Fundação Araucária pela concessão da bolsa de estudos.

Referências

CALEGARI, D. R.; GORLA, J. I.; FILHO, J. F.; NOGUEIRA, C. D.; VIEIRA, I. B. A introdução da Petra Race Running no Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 6, p. 32, nov./dez. 2018.

CHOUNTI, A; HÄGGLUND, G; WAGNER, P; WESTBOM, L. Sex differences in cerebral palsy incidence and functional ability: a total population study. **Acta Pædiatrica**. Publicado por John Wiley & Sons Ltd: 2013. Lund - Suíça, p. 712-717, mar. 2013.

DIVINO, L. F. **Bocha Paralímpica**: História, regras, inserção no Brasil e seus benefícios. Orientador: Prof. MSC. Claudio Alexandre Cunha. 2014. 30 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) - Universidade do Vale do Paraíba, 2014.

JENSEN, M. H. The classification system. Separata de: GAARSTED, Bent et al. *Coach's Manual: RaceRunning*. **Parasport Denmark**, 2017.

NOGUEIRA, C. D.; CALEGARI, D. R.; VIEIRA, I. B. Orientações básicas sobre classificação funcional: Manual de Classificação Funcional da CPISRA, 2009. Disponível em: <http://ande.org.br/modalidades-petra/>. Acesso em: 16 de abr. de 2019.